

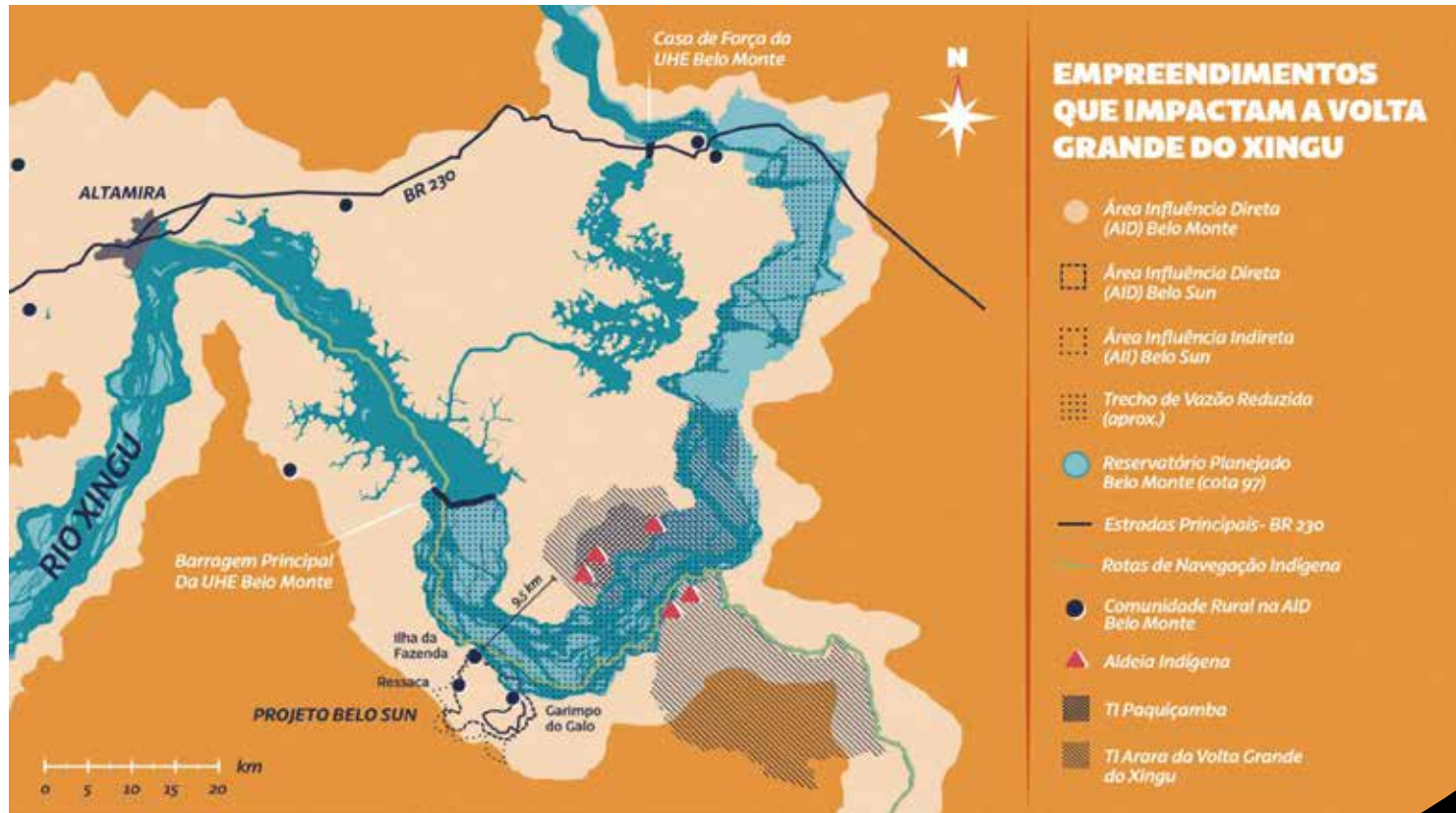
VOLTA GRANDE DO XINGU

CENAS DE UM ECOCÍDIO

Em mais de 10 anos de monitoramento, Aymix e Mati registram impactos e danos provocados pelo desequilíbrio no hidrograma da Volta Grande do Xingu



A Volta Grande do Xingu é habitada por indígenas há pelo menos 10 mil anos. Hoje há duas **terras indígenas** homologadas, além de áreas ainda a demarcar e dezenas de **comunidades ribeirinhas**.





O Monitoramento Ambiental e Territorial Independente

da Volta Grande do Xingu (MATI-VGX) é uma iniciativa de ribeirinhos, indígenas e acadêmicos de várias universidades brasileiras que, desde 2014, monitoram indicadores sociais e ambientais dos impactos do hidrograma de Belo Monte, com critérios científicos e baseados nos conhecimentos ancestrais dos moradores da região.

O trabalho começou na aldeia Muratu, liderada pelo cacique Gilliarde Juruna e pela Aymix, associação local.

Depois foi feita a aliança política e científica com as comunidades ribeirinhas e o monitoramento passou a ser feito em toda a Volta Grande.



**Belo Monte:
Floresta e Academia
se unem para salvar a
Volta Grande do Xingu**

Leia aqui:



À esquerda:
Sr. Agostinho
Juruna pesca com
malhadeira

À direita: Sr.
Agostinho e seus
filhos pescam
com tarrafa



Além de ser central para seu modo de vida e para a geração de renda, a pesca e a relação com os peixes sempre foi, para os povos indígenas e ribeirinhos da Volta Grande do Xingu, **um aspecto fundamental de quem são.**



A Ilha da Fazenda, comunidade centenária da Volta Grande, perdeu parte de seus moradores, que não suportaram viver sob **os impactos da vazão reduzida.**



Os peixes ornamentais eram uma importante **fonte de renda** que a região perdeu.



A vida dos acarís nos pedrais ficou afetada pelas **temperaturas elevadas e diminuição do oxigênio**. Esq.: Peixes ornamentais das espécies *Hopliancistrus voverine* e *Baryancistrus chrysolomus* (endêmico da bacia do Xingu); Dir.: Peixe ornamental resgatado na poça (*Ancistrus* sp).

Os impactos da redução da vazão são visíveis por toda a Volta Grande do Xingu e o sinal mais evidente é a **mortandade de peixes e tracajás**, que perecem pelas mudanças provocadas em locais de reprodução e alimentação.

Nos pedrais, nas piracemas, nas florestas de igapó e nos sarobais, onde antes as águas do Xingu multiplicavam a vida, as **secas extremas** e as cheias escassas e instáveis hoje trazem morte.

Antes **principal alimento** das famílias da Volta Grande, responsável por 70% do consumo de proteínas na região, o peixe teve que ser substituído por carnes enlatadas, frangos congelados e hoje não passa de 30% da alimentação dos moradores.



Esq.: Fêmeas de tracajá (*Podocnemis unifilis*) que **morreram confinadas** nas rochas do enrocamento durante o deslocamento reprodutivo. Indígenas e ribeirinhos passaram a recolher os quelônios em tanques numa tentativa desesperada de salvar os animais. Dir.: Outras espécies, como a arraia (*Potamotrygon orbigny*), também são severamente afetadas pelo **desequilíbrio na partilha das águas** do Xingu.



Crianças indígenas salvam crianças tracajás para garantir futuro

Com a Volta Grande do Xingu gravemente afetada pela hidrelétrica de Belo Monte, que sequestra grande parte da água para alimentar suas turbinas, as bebês estão morrendo ainda no ninho devido à elevação da temperatura



Leia aqui:





Nos meses de seca, filhotes que conseguiram eclodir não chegam à idade adulta, porque **morrem aos milhares** em poças que, com a descida abrupta das águas, se transformam em armadilhas mortais.



Cientistas registram mortandade de peixes no Xingu e cobram mudança de operação de Belo Monte

As cenas de um ecocídio se repetem todos os anos. A foto é de 20 de outubro de 2025, registrada pelo MATI-VGX, e mostra dezenas de peixes mortos ao sol e no seco onde deveria existir uma área alagada.

FOLHA DE S. PAULO

Leia aqui:



O desvio das águas para sustentar a operação de Belo Monte faz com que elas não sejam mais capazes de **sustentar a vida** na Volta Grande do Xingu.

Um dos efeitos da baixa artificial da vazão é o aumento da temperatura. Em alguns locais a água alcança **40 graus celsius** e é uma das causas para a mortandade das espécies aquáticas.





Fêmea de curimatá em processo avançado de maturação gonadal no final da seca deste ano (2025), cuja desova deveria ocorrer entre novembro e janeiro. Infelizmente, **o desvio da maior parte da água do rio Xingu** para as turbinas da UHE Belo Monte nos últimos anos não tem permitido que a reprodução dos peixes ocorra nas piracemas.



Berçário de peixes é transformado em cemitério por Belo Monte

Ao encontrar milhões de ovas mortas em uma das piracemas da Volta Grande do Xingu, uma das regiões mais biodiversas da Amazônia, indígenas do povo Yudjá (Juruna) choraram

Leia aqui:



Em 2023, monitores indígenas do MATI-VGX se depararam com uma cena que nunca tinham presenciado, ao encontrar milhares de ovas de curimatã mortas no leito seco de uma área de desova que deveria estar alagada. A situação comprova os **danos à reprodução das espécies** pelo fim das piracemas e se repetiu em 2024 e 2025.



2023



2024



2025

Em 26 de janeiro de 2025, uma pesquisadora indígena do MATI registrou por meio de vídeo a piracema seca, com ovas de peixes recém depositadas e embriões.



Veja aqui o vídeo das ovas de peixes e embriões



26 de jan. de 2025 17'39:24
3,4886S 51,8017W
piracema do barracão



Após o barramento do rio Xingu e o funcionamento pleno da UHE Belo Monte, tem sido registrada a captura de peixes com **deformidades corporais**, principalmente na forma de encurtamento do corpo na região do pedúnculo caudal. Muitos exemplares de pescada branca (*Plagioscion squamosissimus*), corvina (*Pachyurus junki*) e também piauí (*Leporinus sp.*) deformados têm sido capturados durante as pescarias monitoradas pelo MATI em diversas localidades, algo que nunca havia sido observado na VGX antes do barramento do rio Xingu.

Esq.: corvina-amazônica
(*Pachyurus junki*)



Piracema do Zé Maria



Altura estimada em que a água deveria estar na época da foto

Piracema do Goianinho

A Piracema do Zé Maria (esq.) foi a primeira a ser monitorada pelo MATI e, **desde 2019, não teve nenhum ano de alagamento normal**, deixando de ser um local de reprodução para as espécies aquáticas. Nos meses de cheia, as águas deveriam tomar toda a área, permitindo a desova de várias espécies importantes que estão desaparecendo. A piracema do Goianinho (dir.) deveria também inundar o período de enchente e cheia.

Mudanças na vegetação alagável de sarobal na Volta Grande do Xingu. Esq.: estado anterior à influência da barragem, com cobertura de espécies adaptadas ao alagamento; dir.: estado atual, marcado pela morte da vegetação e aumento da exposição do solo e da temperatura. Cientistas calculam que **70% das florestas de igapó podem desaparecer** se não houver aperfeiçoamento e reequilíbrio do hidrograma.



Os sarobais são vegetações típicas das áreas alagáveis da região e tem papel crucial no funcionamento dos ecossistemas locais, produzindo frutos que antes alimentavam os peixes durante os meses de cheia.

A sincronia perfeita entre a subida das águas, o amadurecimento dos frutos e a reprodução das espécies aquáticas foi violada pelo desequilíbrio no hidrograma da Volta Grande do Xingu.

Os frutos maduros agora caem no seco para apodrecer e os peixes já não conseguem nem se reproduzir nem se alimentar. A cheia, irregular e escassa, já não traz mais a fartura para todas as formas de vida da região.





Reportagem em quadrinhos: Pacu Seringa denuncia o ecocídio produzido por Belo Monte

Leia aqui:

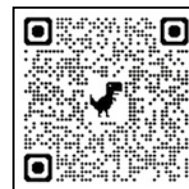




Imagem área das corredeiras da Volta Grande do Xingu.
Após o desvio das águas e com o hidrograma desequilibrado, a
navegação fica impraticável durante a maior parte do ano.



O esforço para navegação aumentou consideravelmente e **muitas famílias perderam a capacidade de se locomover pelo Xingu** em locais que tiveram a ligação com o rio totalmente cortada, após a operação da usina de Belo Monte. Há comunidades totalmente isoladas, sem acesso por água e com estradas intransitáveis que não foram melhoradas pelo empreendedor.

Comunidades ribeirinhas que perderam a conexão com o Xingu ficaram isoladas pelo **péssimo estado das estradas** da região. Em algumas, nem estrada existe e as pessoas não conseguem mais se locomover para escoar produtos, ter acesso a saúde e educação.



O acesso a água potável é difícil para muitas comunidades e a concessionária não consegue resolver o problema. O desvio da vazão provocou rebaixamento do lençol freático e a água dos poços abertos se tornou escassa e de má qualidade. A situação é gravíssima sobretudo para famílias ribeirinhas.



**Os 8 mil
metros cúbicos
por segundo
que destroem
a Volta Grande
do Xingu**

Leia aqui:



O Monitoramento Ambiental Territorial Independente (MATI) da Volta Grande do Xingu tem produzido notas técnicas, artigos científicos, material audiovisual e informativos para a imprensa, para mostrar os impactos de Belo Monte e apresentar alternativas em favor da continuidade da vida na região.

**Acesse aqui
a biblioteca
do MATI**

